

LINHA DO TEMPO: A HISTÓRIA DA HIGIENE E DO EMBELEZAMENTO

Camila PícoloSchütz¹
Murilo MalucheSchaefer²
Ana Julia Von Borell Du Vernay França³

Resumo: Cosmético é tudo aquilo que é relativo à higiene e beleza humana. São preparações constituídas por substâncias naturais ou sintéticas, de uso externo nas diversas partes do corpo humano – pele, sistema capilar, órgãos genitais externos, unhas, lábios, com o objetivo exclusivo ou principal de limpá-las, perfumá-las, alterar sua aparência, corrigir odores corporais, protegê-las ou mantê-las em bom estado, além de embelezar. O homem, em sua história, utiliza e adapta seus hábitos para com tais produtos conforme as sociedades absorvem diferentes conhecimentos: por exemplo, gregos e romanos antigos veneravam o banho, em contraponto aos medievais que condenavam a higiene. Os cuidados com o corpo, assim como a percepção do mesmo, são parte essencial de toda cultura e dizem muito sobre como uma sociedade se porta a partir do que é comum ou proibido quando o assunto é o adorno corporal. O objetivo do trabalho é montar uma linha do tempo da sociedade humana aos olhos da história ocidental – utilizando-se de uma revisão bibliográfica de livros, artigos, periódicos impressos e eletrônicos – com o fim de esclarecer a relação do homem com a higiene e de como evoluiu junto com os cosméticos e hábitos de asseio.

Palavras chaves: História. Higiene. Estética. Cosméticos. Embelezamento.

1 INTRODUÇÃO

O termo “cosmético” foi criado no século XVI a partir do grego *kosmêticos*, que significa “relativo ao adorno”, sendo a raiz da palavra *kosmos* = “ordem”. Talvez tenha sido o monge humanista Erasmo (1469 – 1536) quem a tenha forjado, quando fala em seu *Elogio da Loucura* “desses adornos, desses disfarces, desses banhos, desses crespos, desses perfumes, desses odores e, enfim, de todos esses preparados cosméticos, que servem para embelezar, para pintar ou para disfarçar o rosto, os olhos e a pele” (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998). Já a palavra higiene surgiu do nome

¹ Acadêmica do Curso de Cosmetologia e Estética da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina. E-mail: kakacps@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Cosmetologia e Estética da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina. E-mail: murilomaluche@gmail.com

³ Orientadora, Professora do Curso de Cosmetologia e Estética da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina. E-mail: anajulia@univali.br

da deusa grega Higéia, responsável pela conservação da saúde. Na Grécia antiga o banho tinha a função de proporcionar conforto e era um ato necessário para as preces e libações (FRANQUILINO, 2009).

Antes do surgimento de tais palavras, homens já utilizavam artifícios de beleza e higiene. Nos primórdios de nossos hábitos existiam rituais relacionando asseio corporal com pureza espiritual. Ao longo da história, a concepção de limpeza se transformou conforme o contexto social, o clima, a religiosidade e os costumes de cada época. Os produtos de higiene foram se incorporando ao cotidiano conforme a evolução histórica dos hábitos de asseio (FRANQUILINO, 2009).

É importante destacar como o homem utiliza os produtos de beleza com relação à espiritualidade, à sedução e à saúde. Outro ponto de destaque é a forma que o ser humano percebe e lida com o próprio corpo, tendo em vista que a limpeza é ponto chave nos cuidados corporais e em como as pessoas endeusam ou abominam o ato de embelezar-se. Vale ressaltar também a evolução dos produtos e dos cosméticos – bem como a cosmetologia. O artigo presente visa quebrar algumas ideias contemporâneas de que outras sociedades eram sujas e mal cheirosas, já que a concepção de limpo, saudável e esteticamente agradável muda constantemente; um longo caminho foi – e continua sendo – percorrido até chegarmos ao conceito atual de higiene – que provavelmente será curioso e estranho quando futuramente também passarmos a ser objeto de estudo de historiadores.

O objetivo principal do artigo presente é desenvolver uma revisão histórica – desde a Pré-história à Era Contemporânea – onde se destaca a relação do homem com a higiene corporal e purificação espiritual utilizando-se da água, dos cosméticos e objetos de limpeza.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Pré-história: O homem se descobre

É comum que se considere pré-história todo o período que vai desde o surgimento do homem, em torno de 150 mil anos segundo as estimativas atuais, até o aparecimento da escrita, datado de 3200 a.C.). Reconhece-se uma civilização pré-histórica pelo fato de não possuir documentos escritos e

apenas restos materiais, artefatos, desenhos rupestres e fósseis. A pré-história, na verdade, é mais estudada por paleontólogos, arqueólogos e antropólogos (KOSHIBA; PEREIRA, 2004).

A história da higiene corporal está intimamente ligada ao papel e ao valor simbólico da água através das épocas e das civilizações. O culto ao belo sempre esteve ligado à história do homem. Os cosméticos fazem parte dessa história, pois são conhecidos registros pré-históricos que apontam o uso de pigmentos extraídos de frutas, como, por exemplo, a amora, que embelezavam as mulheres da época. Há achados anteriores a Era da Escrita denunciando o uso de um óleo roxo para, hipoteticamente, cobrir defuntos (SOUZA, 2005).

O próprio conceito de povos da pré-história – sociedade e/ou espécies homínidas extintas e sem registros escritos (KOSHIBA; PEREIRA, 2004) – não permite um grande aprofundamento sobre sua utilização dos cosméticos. Maiores estudos se dão a partir do surgimento da escrita, ou como se convencionou, o início da Antiguidade.

2.2 Antiguidade – Egito, Grécia e Roma: saúde, adoração e prazer

A história define comumente a Antiguidade como sendo o período entre o aparecimento das primeiras civilizações do oriente e o surgimento da escrita silábica (4000 a.C a 3200 a.C) até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C. Pode ser dividida entre Oriental e Clássica, onde a primeira inclui, entre outras civilizações, o Egito, a Mesopotâmia e a China e a segunda inclui Grécia e Roma (PEDRO; CÁCERES, 1984).

Essas civilizações mais antigas deixaram rastros sobre os cuidados com a higiene pessoal e com a saúde. Foram achados artefatos arqueológicos da Mesopotâmia como placas de argila usadas por sacerdotes como tratados médicos que ressaltavam a importância do asseio corporal (FRANQUILINO, 2009). O sabão é datado de 2800 a.C. e foi descoberto em escavações na Babilônia, produzido com gordura animal e cinzas (ASHENBURG, 2007).

Os egípcios e seus hábitos merecem atenção pontuada, devido a sua influência sobre outras civilizações. Mesmo num período tão antigo, a população já se lavava em torno de três vezes ao dia e mantinham costumes e produtos para manter a limpeza e beleza do corpo para enfrentar o clima

arenoso e quente. O sabão egípcio continha até mesmo óleos vegetais (FRANQUILINO, 2009).

Os faraós já empregavam máscaras de beleza. A crença Egípcia de reviver após a morte, mostrou o interesse que os faraós tinham com cuidados para permanecerem belos depois de morrer. No sarcófago de Tutancâmon (1400 a.C.) e outras tumbas encontradas, continham em seu interior: cremes, incensos e potes de azeite usados na decoração e no tratamento do corpo (FAÇANHA, 2003; EVELINE, 2004). Cleópatra, rainha do Egito, ainda hoje é símbolo da cosmetologia, devido a seus cuidados de beleza. Ela utilizava leite azedo para manter a pele suave e limpa e lamas do rio Nilo para melhorar o viço da pele. Os argumentos anteriores indicam um dos primórdios da utilização de esfoliantes; a pele de Cleópatra suavizava devido à ação do leite azedo, provavelmente pela concentração de ácido láctico e a lama possivelmente tinha ação adstringente (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

O sol forte e a areia queimavam e ressecavam a pele a ponto de surgirem enfermidades. Para proteção do corpo e dos cabelos – mesmo os soldados durante guerras – untavam-se diariamente com gorduras e óleos, que também eram utilizados como base para cremes e pomadas. Essas misturas com alta aderência eram complementadas com fortes aromas e se popularizaram em todo o Mediterrâneo. Era comum e elegante em eventos sociais utilizar um cone com essa pomada perfumada por baixo da peruca: com o tempo e o calor a mistura derretia e escorria pelo corpo, exalando perfume (FRANQUILINO, 2009).

Nas casas egípcias das classes mais altas existiam salas de banho onde escravos lavavam seus mestres utilizando-se de bacias – as banheiras só foram incorporadas aos hábitos após a dominação romana. Relata-se que os egípcios utilizavam misturas perfumadas à base de cinza e argila, assim como poções com óleo vegetal, gordura animal e sais alcalinos para limpeza e tratamento de doenças cutâneas. A elite egípcia também mostrava seus hábitos de higiene na produção de artefatos, como vasos e caixas de toalete para armazenar cosméticos e produtos de higiene pessoal. Essas peças, assim como desenhos de cenas em toaletes, estão espalhados em museus pelo mundo e são os maiores vestígios dos costumes egípcios de asseio

pessoal. Os menos favorecidos banhavam-se em rios e canais, de forma cotidiana (FRANQUILINO, 2009).

A maquiagem também era cotidiana no Egito Antigo, entre homens e mulheres. A pintura tradicional dos olhos era feita com uma pasta à base de cristais de malaquita para a cor esverdeada ao redor dos olhos e para proteger contra insetos, infecções, os raios solares e de tempestades de areia; alongava-se o olhar com o *khôl* – pasta preta de gordura animal e sulfeto de chumbo natural. Os faraós e suas esposas pintavam o rosto, tingiam as perucas. Utilizavam extratos vegetais e compostos metálicos para tingir barba, pêlos e cabelos – do vermelho ao negro – conhecidos como hena, que é um dos cosméticos mais antigos que conhecemos. As egípcias utilizavam nos lábios uma tintura a base de ocre vermelho aplicada com um pincel e as gregas usavam uma substância semelhante ao óleo de girassol (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998; FRANQUILINO, 2011).

Gregos do século VIII a.C. lavavam-se antes de preces, libações, sacrifícios, antes de viagens e ao chegar ao destino, o anfitrião da casa oferecia água para lavar as mãos ou mesmo um banho. Em *A Odisséia*, Homero enfatiza o poder transformador do banho, onde um jovem tem poder de transformar-se em quase um deus. Apesar de todo o exagero literário, o livro descreve a importância da higiene entre gregos: semelhante ao século XXI, os gregos banhavam-se para ficar mais atraentes, confortáveis; a diferença se dava na relação que os antigos tinham com os banhos e os deuses (ASHENBURG, 2007).

A Odisseia de Homero deixa claro que o banho se fazia necessário antes de ritos religiosos. Segundo Katherine Ashenburg (2007, p. 22), autora do livro *Passando a limpo – O banho: da Roma antiga até hoje*:

Os santuários normalmente tinham fontes de água em sua entrada – não que a comunicação com os deuses demandasse uma limpeza maior do que aquela estabelecida entre humanos, mas os gregos acreditavam que qualquer relacionamento respeitoso exigia asseio e limpeza.

Um gregode classe privilegiada normalmente possuía uma sala de banho junto à cozinha. Servos pegavam água de cisternas ou poços próximos e tais salas possuíam lavatório para banhos em pé/ou uma banheira de terracota – influência direta de Creta, onde a mais antiga foi descoberta dentro do Palácio

de Knossos, datada de 1700 a.C. Creta dispunha também de água corrente, encanamentos, esgotos (ASHENBURG, 2007).

Um ateniense pobre banhava-se em poços próximos à casa e visitava as casas de banho de tempos em tempos. Tais locais eram públicos, mantidos pelo governo e por iniciativa privada – a entrada era grátis ou bastante acessível. Nos locais mais equipados, existiam salas separadas para banhos frios e quentes. Esses locais de socialização dispunham banheiras individuais, porém mais de trinta em um mesmo local. O banho público dispunha de substâncias de limpeza como cinzas de madeira e um tipo de argila. O local oferecia vinho e alguns petiscos. O Ginásio – literalmente “lugar nu” no grego – era uma terceira opção para o banho, que era um complemento para os exercícios físicos praticados nesses locais. Despídos, os atletas passavam óleo e cobriam-se de areia. Após as práticas, essas substâncias eram retiradas com o *estrigil* – espátula de metal curva – seguia-se então para um banho em pé, em bacias, duchas ou banheiras. O banho do Ginásio era frio, pois segundo os atenienses, o banho quente era feminilizante (ASHENBURG, 2007).

Na Grécia Antiga, utilizava-se argila ou terra da ilha de Lêmnos para limpeza facial. A argila grega possivelmente é a branca – com ação suave e hidratante – pois Plínio, o Antigo, em sua “História Natural” descreve a utilização de uma terra muito branca e fácil de dissolver encontrada na ilhas de Chio e Selinonte, então cidade grega na costa da Sicília. Pelas características, a terra ou argila de Lêmnostem ação de esfoliante físico ou hidratante (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

Em busca de uma pele mais viçosa e driblando os poucos recursos da época, as damas das antigas sociedades greco-romanas chegavam a utilizar fórmulas excêntricas como excremento de crocodilo misturado com água de flores, pomadas compostas com gordura de pato, unguento rosado e aranha amassada, e ainda máscaras de sopa de pão com leite de burra e pombo triturado com pérolas em pó, mel e canfora (EVELINE, 2004).

O giz era utilizado em Creta para cobrir o corpo de mulheres de altas posições sociais, demonstrando status. Pós à base de chumbo e outros metais pesados eram utilizados por mulheres da Grécia, mas, sobretudo na Roma Antiga (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

Hipócrates, grego e pai da medicina, em seus tratados, já propunha regras de higiene e o uso de produtos para o tratamento do corpo. O banho de sol, o banho e o ar puro fazem parte desse tratamento. Na Grécia e na Roma Antiga a água significava noção de bem-estar, utilizada nas termas romanas, associada à higiene e distrações diversas: nesses espaços haviam salas de leitura, conferência, exercício físico, jogos. Os banhos romanos utilizavam chás de ervas aromáticas, como alecrim, a camomila e a lavanda francesa. O frequentador podia escolher o tipo de óleo a ser usado em sua massagem: o alecrim para aumentar a circulação e estimular ou óleo à base de lavanda francesa com função calmante (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT 1998; SOUZA; 2004).

Na conquista do Mediterrâneo, os Romanos incorporaram a cultura e os hábitos gregos e aliou os hábitos de higiene à medicina e às normas sanitárias. Desenvolveram sistemas de abastecimento caracterizado por um fantástico conjunto de aquedutos, datado primeiramente em 321 a. C., por Ápio Crasso. Havia distribuição em propriedades particulares, casas de banho e fontes públicas – a última mais utilizada pela classe baixa para cozinhar, lavar e limpar. A limpeza era uma virtude e de extrema elegância entre os Romanos (FRANQUILINO, 2009).

Os gregos gostavam do banho; os romanos o adoravam. A frase: “Banhos, vinho e sexo causam a destruição de nossos corpos, mas são a essência da vida – banhos, vinho e sexo” é um provérbio romano e pode ser encontrada no túmulo de Tito Cláudio Segundo, século I d.C. Os exercícios eram um complemento ao ato de banhar-se – opondo-se aos gregos. Os hábitos de untar-se com óleos e poeira foram agregados à cultura romana, assim como o *estrigil*. Passavam por uma série de temperaturas – fria (frigidário), morna (tepidário) e quente (caldário) – onde a última etapa era de banho frio. Esta etapa aplicava-se óleo, massagem e outra raspagem com a espátula curva, substituindo o sabão que nunca é mencionado como artigo para o corpo, apenas para objetos. Roma era abastecida por 9 aquedutos para suprir a demanda de 1100 litros de água por habitante – os banhos romanos duravam em torno de 2 ou 3 horas. Estes locais eram frequentados por prostitutas, curandeiros e esteticistas. Assim, a população se utilizava dos

banhos para fazer sexo, tratamentos medicinais e cortes de cabelo, às vezes todos em uma mesma visita (ASHENBURG, 2007).

O poeta Ovídio descreveu em “Arte de Amar” – datado de 1 D.C. – espécies de máscaras feitas com lã impregnada de várias substâncias: mel, ovos, bulbos de narcisos, pó de chifre de vacas, excremento de pássaros marinhos. A farinha de favas é citada por Ovídio como pó muito fino para branquear a pele temporariamente. Acredita-se que Popéia, mulher preferida de Nero, tenha inventado a máscara para conservar a delicadeza de sua pele contra o sol (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998). Esses seriam os primeiros indícios do uso de filtros solares para a proteção cutânea, apesar de que o *khôl*, utilizado no Egito, protegia contra o forte sol da região.

No declínio do Império Romano, por volta de 537 d.C., foram destruídos os aquedutos que abasteciam a cidade de Roma. A ascensão da doutrina cristã fez os hábitos de higiene, outrora comuns, declinarem também, já que – entre outros motivos – a única cura para males do corpo era por intervenção divina (FRANQUILINO, 2009). A queda do Império Romano, a indiferença de Cristo com relação aos rituais de purificação – tocava em mortos, leprosos, mulheres menstruadas e não lavava as mãos antes de comer (na Bíblia: MARCOS7: 1-23) – acabaram por influenciar todas as gerações seguintes (ASHENBURG, 2007).

Toda a glória do culto à beleza e à saúde da cultura dos povos da Antiguidade sofre com um período de mudanças políticas e religiosas descritas na Idade Média.

2.3 Idade Média – Europa: as proibições e a redescoberta da água

Convenciona-se como Era Medieval Europeia o período entre os séculos V (476 d.C.) e XV (1453 d.C.), respectivamente a Queda do Império Romano Ocidental e a Queda da Constantinopla, capital do Império Bizantino. Caracteriza-se como um período onde a sociedade é regida por uma forte moral cristã e a Igreja Católica se fazia presente em todos os setores da sociedade (PEDRO; CÁCERES, 1984), detendo todo o conhecimento e poder, definindo leis e proibições através da Bíblia.

Na Era Medieval era de bom tom conservar a pele bem pálida e pintava-se pouco os olhos, com exceção das princesas, que não raro circulavam os olhos para torná-los arredondados. Perde-se o rastro dos registros sobre o uso de máscaras na Era Medieval e o hábito ressurge na Renascença italiana onde se aplicava o “*liccio*”, máscara a base de sais de mercúrio com o fim de clarear a pele (PEYREFITTE, MARTINI; CHIVOT, 1998). Vale ressaltar, mais uma vez, que apenas a nobreza tinha esse privilégio dentro de suas cortes.

Diferente das doutrinas que enalteciam a pureza do corpo na Antiguidade, a religiosidade contribuiu muito para o retrocesso nos hábitos de limpeza vigentes no Medievo. No cristianismo, o espírito ganha ênfase e o aspecto físico é posto em segundo plano. Os banhos passaram a ter caráter quase profano e remetiam às religiões pagãs de Roma, e foram desaparecendo gradativamente. O corpo, possível templo de Deus, estava sujeito a tentações e o banho poderia despertar a vaidade (FRANQUILINO, 2009).

O cristianismo da Idade Média reprime o culto a beleza, impondo pesadas vestimentas para que o corpo humano não fosse mostrado. Seguindo a mesma lógica, no Alto Medievo o banho é condenado. O pouco conhecimento médico alegava que a limpeza deixava o corpo suscetível a doenças porque os poros dilatavam e a permeabilidade da pele aumentava em contato com a água (ASHENBURG, 2007).

A palavra “toalete” surge no século XIV, do francês *toaille*, que designava a peça utilizada por padres para enxugar as mãos. A água era vista como capaz de se infiltrar no corpo e causar debilidade e imbecilidade; a exceção era o banho dos recém-nascidos, o batismo (SOUZA, 2004; PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998). Portanto, os poucos e raros hábitos de higiene não passavam de lavar as mãos – antes e após as refeições – o rosto e esfregar os dentes com paninhos (ARIÈS; DUBY, 1994).

Era comum em conventos e mosteiros medievais tomar apenas dois ou três banhos anualmente, normalmente às vésperas de festas religiosas. A Europa cristã enfrentou longos anos de surtos de peste devido à negligência em relação às normas sanitárias e hábitos de asseio, produzindo uma rotina imunda (FRANQUILINO, 2009).

Ulrich, monge de Cluny (apud ASHENBURG, 2007, p. 62) confirma a frequência do banho nos mosteiros ao relatar que “quanto a nossos banhos, não há muito que possamos dizer, pois somente nos banhamos duas vezes por ano, antes do Natal e antes da Páscoa”.

Particularmente no Ocidente, nos séculos IV e V a sujeira tornou-se símbolo de santidade. Muitos monges, eremitas e santos adotavam a prática do *alouisia* ou “estado de não ter sido banhado”. Os únicos rituais purificantes mantidos pelos católicos são o batismo do recém-nascido, benzer-se ao entrar em igrejas e o banho das noivas antes do casamento (ASHENBURG, 2007).

Em contraponto aos católicos, os muçulmanos viam a limpeza como preceito religioso. Durante a invasão árabe à Península Ibérica, havia casas de banho, redes de esgoto e limpeza pública em cidades como Córdoba, Sevilha e Granada. Quase todos os bairros possuíam sua casa de banho – Córdoba possuía em torno de 300 quando reconquistada pelos cristãos (FRANQUILINO, 2009).

O Império Bizantino também manteve alguns hábitos. No século VI, na Alexandria, um terço do orçamento da cidade se destinava ao aquecimento das casas de banho. Em locais como Síria, Judéia e Arábia houve um misto de culturas cristãs, muçulmanas e romanas, onde as casas de banho perderam os pátios de exercícios e a sala de banho frio diminuiu, dando lugar para um grande *hall* com vestiário e antessala. Esta é a origem do *hamam* – ou banho turco.

O *hamam* é uma casa de banho composta por hall de entrada, não possui salas de exercício físico e o espaço de banho frio é diminuto. Consiste em uma série de banhos a vapor e por imersão, onde ao final, a pessoa recebe uma massagem revigorante em cabines individuais. Tais casas encontram-se em funcionamento e são ponto turístico turco (WIKIPÉDIA, 2011).

Ao dominarem cidades bizantinas, os turcos otomanos encontraram este tipo de casa de banho. Os mesmos *hamams* foram redescobertos pelos cruzados, que o levaram de volta à sua Europa natal em meados do século XII e XIII. Em *O Decamerão* de Boccaccio, os personagens são conscientes dos próprios odores. É descrito o uso de almíscar e sabonete de cravo, águas perfumadas de rosas, flor de laranja e limão (ASHENBURG, 2007).

Além dos hábitos de lavar as mãos e o rosto, o costume das casas de banho foi trazido por cavaleiros que regressavam das Cruzadas ao

Oriente. Tais banhos duraram em torno de 500 anos, entretanto, durou “pouco”: as epidemias de peste negra generalizadas impuseram medo na população e no século XV médicos determinaram que os europeus só tomariam um ou dois banhos ao ano (FRANQUILINO, 2009).

Entre os séculos XIII e XVII, o dito Renascimento trouxe consigo o desejo de se embelezar, de mostrar o corpo das mulheres, de recuperar em estilo e forma tudo o que a Alta Idade Média encobriu. A Gioconda, de Leonardo da Vinci, é a representação de beleza da Baixa Idade Média e início da Idade Moderna. As italianas da Renascença clareavam os cabelos expondo-os ao sol, umedecidos com decocções de cinzas; o resultado era um loiro próximo ao ruivo. Nessa época as condições de saneamento e higiene pessoal não acompanhavam a evolução da estética, pois o banho era desaconselhado e como consequência surgem os perfumistas para atender a demanda das cortes europeias; o odor representava status e condição social (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998; SOUZA, 2005).

É importante ressaltar que o período de restrições à beleza é parte do que se chama Alta Idade Média. Na Baixa Idade Média há revoluções culturais, o surgimento do forte poder dos Reis e descentralização do poder do Clero, o surgimento de universidades (PEDRO; CÁCERES, 1984), e como consequência deste último, a Medicina como forma de estudo.

2.4 Idade Moderna – Europa: a era da sujeira e dos perfumes

Com o desenvolvimento da tecnologia, do advento do capitalismo, da descentralização de poder da Igreja e o auge das grandes navegações, surge – de forma simbólica – a Idade Moderna. Período convencionado entre o fim do século XV quando o Império Otomano toma Constantinopla e finaliza no século XVIII, na Revolução Francesa (PEDRO; CÁCERES, 1984).

Com a moral católica menos forte, a medicina se fortalece, a culpa de se embelezar diminui, a moda toma seus primeiros passos. Mesmo assim, a mudança de hábitos medievais só teve mudanças a partir do século XIX, com água encanada e esgotos. Apesar de ter havido um período em que os medievais se banhavam, o medo do retorno da peste era forte e presente na Era Moderna e os hábitos de higiene eram tão secundários quanto na Alta

Idade Média. O hábito de lavar-se era tão raro que, as poucas vezes que alguns nobres lavavam o rosto era motivo de relatos espantados em correspondências entre nobres (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998; FRANQUILINO, 2009).

As cortes francesas mantinham praticamente um cerimonial coreografado para vestir-se e os aristocratas perfumavam-se para não sentir o odor uns dos outros. O banho era prescrição em casos absolutamente necessários, porque segundo a crença vigente, abria os poros e facilitava o contágio da peste (ASHENBURG, 2007).

A Idade Moderna traz o uso de perucas e rostos com excesso de empoamento. Paris era o grande produtor de óleos, depilatórios, águas aromáticas (SOUZA; 2004). Já dito anteriormente, o avanço da indústria de produtos aromáticos devia-se aos péssimos hábitos de higiene da população.

De acordo com Ashenburg (2007, p. 88 - 89):

O século XVI não foi notavelmente exigente quanto a limpeza, mesmo nos mais altos níveis sociais: Elizabeth I da Inglaterra banhava-se uma vez por mês, como ela dizia: “quer eu precise ou não”. Mas no século XVII foi muito pior: espetacularmente sujo, até mesmo desafiadoramente sujo. O sucessor de Elizabeth, James I, declarava abertamente que lavava apenas os dedos das mãos.

Diferente dos hábitos de higiene, a maquiagem e o embelezamento estavam em voga. A farinha de trigo é utilizada como pó facial desde a decadência do Império Romano, no Medievo e na Renascença. Sob a corte de Luís XIV, a pele deve ser pálida com grossa camada de farinha e coloração avermelhada nas bochechas. As sombras – atualmente chamadas de bases – eram utilizadas como máscaras para fixação do pó e compostas por lanolina, cera de abelha, óleo de oliva e especialmente sebo animal. Indiferente de sexo ou idade, tudo se empoa: corpo, rosto, cabelos, peruca (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

Os ingleses contemporâneos de Elizabeth I procuravam colorir de ruivo os cabelos com a ajuda de alume e decocção de ruibarbo, com o fim de imitar sua rainha (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998). Esses indícios mostram uma tendência a população moderna a transformar pessoas conhecidas em ícones e referências de moda.

Segundo a lógica de Jean Liebault – autor de um trabalho sobre o embelezamento corporal de 1582 e 1632 – a cabeça e os cabelos deveriam ser

lavados com cautela e recomendava, em vez da lavagem, que antes de deitar o cabelo fosse esfregado com trigo ou talco e removido ao acordar (ASHENBURG, 2007).

O medo da água continuava, e um ensaísta inglês chamado Francis Bacon (1561 – 1626) inventou um “banho de 26 horas”, que segundo ele limitava a penetração da água que segundo a crença da época, causava doenças dos nervos e ligamentos. Esse banho consistia em proteger o corpo com óleo e pomadas antes de imergir o corpo na água por duas horas. Após esse período o corpo do banhista era envolvido por um pano com rezina, açafreão e mirra – o objetivo da mistura era fechar os poros e endurecer o corpo, teoricamente mais mole por causa da água. Após 24 horas, a pessoa removia a mistura e aplicava sal, óleo e açafreão pelo corpo (ASHENBURG, 2007).

O banho praticado em casa é pouco descrito na literatura, com exceção dos nobres, que descreviam em suas memórias de viagens fatos incomuns com relação à higiene. No século XVII pouco se mencionava sobre o sabão e a água. Limpar-se por completo era extremamente desaconselhado e a higiene corporal – segundo as regras médicas e de etiqueta vigentes – se resumia em usar roupas limpas de linho. O linho era o substituto do banho no século XVII, especialmente entre nobres. Em vez de lavarem-se, trocavam de camisa até três vezes ao dia ou mais. Essa prática era considerada mais segura. Louis Savot, arquiteto da época, deixou de construir banheiros em casa, pois os considerava secundários. Savot dizia que os antigos não entendiam as propriedades do linho e por isso utilizavam o banho a vapor (ASHENBURG, 2007).

Os *spas* surgem na França, Inglaterra, Itália e Suíça e têm a função de tratar enfermidades e também de lazer, já que os banhos em casa são temidos. Os médicos passam a ganhar dinheiro com tais locais: diziam que os minerais das nascentes bloqueavam os poros, por isso o banho no *spa* era benéfico (FRANQUILINO, 2009).

Assim como o controle dos *spas*, em 1779 e com maior poder de decisão, a Real Academia de Medicina detém o controle das sombras devido sua toxicidade, ligada ao uso de minerais como o sulfato de mercúrio, e especialmente a cerusa, um carbonato de chumbo, conhecida por “branco de

prata”. Nos séculos XVIII e XIX avançam os estudos relacionados aos efeitos colaterais causados por materiais tóxicos utilizados para pintura dos olhos: a maquiagem torna-se rara, os quadros da época indicam isso (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

A partir do século XVIII a água passa a ser reutilizada em banhos, mas apenas no século XIX a higiene é enaltecida e o uso do sabonete passa se desenvolver consideravelmente. O uso de xampu, por chineses, é descrito na literatura no século XVIII (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

O pudor com o corpo fez com que os banhos por imersão adotassem uma estratégia: para deixar a água turva, dissolvia-se farelo, amêndoa em pó ou resina em aguardente de vinho, mas o mais comum era usar uma roupa de banho ou as roupas íntimas. Maria Antonieta banhava-se todos os dias de manhã, mostrando mudanças dentro da realeza do final da Idade Moderna (ASHENBURG, 2007).

Na metade do século XVIII ensaios sobre o uso externo da água já falam sobre as condições insalubres sobre os *spas*, alegando que a água coletiva não era benéfica e que as crenças vigentes de que os poros devem permanecer oclusos está ultrapassada, já que novos estudos sobre a transpiração começam a ser publicados. Assim, o banho diário ganha força (ASHENBURG, 2007).

A relação da humanidade com a higiene muito deve seu atual estado ao fim da Idade Moderna e desenvolvimento de tecnologias – definida no próximo tópico.

2.5 Idade Contemporânea – Europa, Américas: o santuário da higiene científica

O desenvolver do pensamento científico, o triunfo do Iluminismo, da razão e do ceticismo, condições de vida mais dignas, o declínio de monarquias e simbolicamente a Revolução Francesa em 1789 d.C no século XVIII marcam o que classicamente se chama de Era Contemporânea (PEDRO; CÁCERES, 1984).

A evolução da ciência e da indústria é a maior contribuição para os cosméticos. O estudo a respeito de princípios ativos torna-se fundamental. Na

era da razão, cai em desuso matérias primas tóxicas; a saúde e a produção em larga escala torna os cosméticos um dos mercados mais lucrativos do mundo. Salienta-se que devido ao conhecimento científico, no final da Idade Moderna e início da Contemporânea houve certo desuso de cosméticos pela falta de conhecimento sobre compostos não nocivos. Apenas no século XIX as máscaras aparecem quase em sua concepção atual, com o largo uso de argila, caseína, caulim e outros (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

A mudança de pensamento da Idade Contemporânea fica evidente nos hábitos de Napoleão e Josefina, que adoravam banhos quentes e aromáticos e possuíam sala de banho em casa, algo raro em 1795 (FRANQUILINO, 2009).

No século XIX as pessoas ainda voltavam a experimentar o banho gradativamente. Esperavam instalações de canos e gradativamente criavam coragem para um hábito por tanto tempo condenado. No geral, a limpeza continuava sendo feita por bacias e jarros para os pés, ou banheiras rasas e esponjas para o corpo. O banho completo, para muitos europeus, apenas se deu no século XX e antes disso era muito comum que manuais de higiene fossem distribuídos. O século XIX é o início de como vemos o banho hoje em dia (ASHENBURG, 2007)

Estudos da metade do século XIX mostram a função respiratória da pele. Testes em animais, que consistiam em cobrir a pele com substâncias como o alcatrão foram feitos. Embora se saiba atualmente que a morte dos mesmos não seja por asfixia cutânea, como se concluía, e sim por disfunções térmicas, os fisiologistas da época se convenceram que os banhos deveriam ser quentes e frequentes para manutenção da saúde. Oposto aos Modernos, a ciência dizia que os poros deveriam ser abertos (FRANQUILINO, 2009).

Uma lei é criada em 1851 para encorajar a criação de estabelecimentos de banho e desenvolvimento de redes de água corrente. Em 1880 surgem os primeiros imóveis com salas de banho, em Paris. Deduz-se, assim, que devido à banalização dos banheiros, a venda de produtos cosméticos para higiene pessoal aumentou gradativamente (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

A insalubridade trouxe a tona discussões sobre a higiene. A crença de que cômodos sem ventilação e com acúmulo de lixo fizeram com que os Contemporâneos da Revolução Industrial adotassem a limpeza no lar e um aumento nas casas de banho. Na Inglaterra se promulga uma lei para casas de

banho e lavanderias em 1846, onde esses locais deveriam oferecer entradas de baixo custo. Os ingleses da Revolução Industrial influenciaram o Continente Europeu e as casas de banho se popularizaram (ASHENBURG, 2007).

Na Alemanha, a preocupação com “lavar-se na própria sujeira”, fazendo referência aos banhos por imersão utilizados por trabalhadores braçais, além do alto custo que as casas populares de banho traziam, fez com que Oscar Lassar – médico e sanitarista – criasse o que chamamos de chuveiro hoje em dia, um box individual com água corrente na cabeça (ASHENBURG, 2007).

Reformistas franceses tentaram desacreditar crenças de que a sujeira era benéfica, no século XIX, através de campanhas públicas de educação: as medidas consistiam em distribuir folhetos, publicações em jornais, e aulas de higiene em escolas. Em 1855 um manual de como tomar banho foi publicado: descrevia equipamentos – banheira, esponjas para limpar o chão (sem sabão), bacia de água fria, chaleira de água quente e uma flanela. Recomendava-se esfregar o corpo com o pano e logo em seguida esfregar o corpo inteiro com as esponjas molhadas (FRANQUILINO, 2009).

Os Estados Unidos foi pivô no desenvolvimento da indústria da higiene e ressaltou uma nova etapa em emergência: a valorização do banho e popularização dos produtos de higiene pessoal, como o sabão, considerado por muito tempo um artigo de luxo. Mesmo com essas mudanças, no princípio do século XX as crenças a respeito da limpeza ainda persistiam na Europa e o banho de corpo inteiro ainda era pouco praticado, em partes, pelo puritanismo religioso (FRANQUILINO, 2009).

Vale lembrar que é dessa época também a evolução da maquiagem. Por volta de 1890 os batons eram pouco utilizados, pois do ponto de vista das mulheres, achavam que homens não as olhariam de lábios tingidos. Só por volta de 1915 que se inicia o sucesso dos batons devido uma independência financeira feminina e quebra de tabus (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998). No pós-guerra há uma crescente preocupação com a beleza, com mulheres mais liberais e financeiramente autônomas. Em 1910, Helena Rubinstein abre, em Londres, o primeiro salão de beleza do mundo. Onze anos depois pela primeira vez o batom é embalado num tubo e vendido em cartucho para as consumidoras (COSMÉTICOS, 2001).

Antes da guerra civil, os americanos pecavam na higiene, assim como os europeus: entre ricos dos dois continentes era apenas um passatempo da moda. Ao fim do século XIX o país americano tinha condições de assumir a liderança da higiene pelo fato de que instalações hidráulicas são mais fáceis de serem instaladas em cidades novas os lares americanos, mais espaçosa que os apartamentos europeus, já dispunham de banheiros desde sua projeção, além de um pensamento progressista que incluía o uso de sabão e da hidroterapia. As casas de banho tiveram pouca popularidade, pois as banheiras individuais se popularizaram de forma que em 1930 89% dos lares possuía uma. Além disso, a cultura americana dava preferência às duchas, por terem caráter mais rápido e prático (ASHENBURG, 2007).

Na França, desde 1975, existe uma lei que regulamentou a fabricação de produtos cosméticos onde se limita a manipulação em locais limpos e por profissionais com formação química (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

O sabão passou a ser reutilizado no fim do século XIX, pois a evolução tecnológica permitiu que ficassem menos irritantes, com melhor aparência e mais baratos, pois substituiu-se o uso de pó de madeira por pó de soda. A gordura animal foi sendo substituída por óleo de oliva, de coco, de algodão e de palmeira. O banho, passou também a ter caráter social – ter mal cheiro era de péssima reputação, independente da classe social (FRANQUILINO, 2009).

A união entre o fato de que pessoas mal cheirosas comumente não sabem do próprio odor, a expansão de propagandas de sabão, cosméticos bucais, desodorantes e variações de cosméticos transformou o século XX no século da limpeza. Desde o fim do século XIX, as propagandas diziam que limpeza trazia beleza. Tal argumento era afetado pelo fato de que o batom, o ruge e a maquiagem produziam efeito mais eficiente que o sabão (ASHENBURG, 2007).

O arroz é introduzido na Europa ao fim do século XIX e o pó não se destina mais tanto a branquear a tez, mas torná-la fosca. Pós mais finos são utilizados graças ao aumento da tecnologia para diminuir os grãos (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

Assim, nas décadas de 30 e 40 a maquiagem tem uma explosão comercial, Max Factor dá novo status às sombras (bases) com a invenção do

dos “pancakes”, muito utilizado para disfarce de pele no, então, novo cinema em cores. Os batons têm cores claras, sobretudo rosa (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

Nos anos 50 a política de incentivos trás para o Brasil gigantes como a Avon e a L’Oréal. Essas empresas lançam novidades como à venda direta e produtos para homens. A maquiagem básica compunha-se de pó-de-arroz e batom. Um creme para as mãos foi o primeiro lançamento de um produto cosmético com silicone, pela Avon(COSMÉTICOS, 2001).

Nos anos 60 fazem-se bases mais fluídas, depois bases “creme”, que sejam ao mesmo tempo mais leves, menos brilhantes e com mais cobertura. Nos anos 70 surgem a base-creme colorida, o bronzado entrou em alta e os pós claros sofreram leve afastamento, retornando a partir dos anos 80 em diversas tonalidades. As cores de maquiagem tornam-se variadas ao acompanhar os matizes das coleções de alta-costura italiana, francesa e inglesa (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

Os filtros solares se popularizam no Brasil. Aparelhos a laser e os ácidos retinóico e glicólico começam a ser empregados no tratamento de rugas e manchas. Nos anos 90 o tempo entre a aplicação do cosmético e o aparecimento do efeito diminui de trinta dias menos de um. Surgem os cosméticos multifuncionais, como batons com protetor solar e hidratantes que previnem o envelhecimento. Chega ao Brasil a tecnologia dos lipossomas, que prometiam verdadeiras melhorias aos manipuladores e consumidores (COSMÉTICOS, 2001; SOUZA,2005).

Com o surgimento do cinema, televisão e meios de comunicação expandiram-se os avanços tecnológicos do século XX e hoje no século XXI vemos o triunfar da Cosmetologia (SOUZA, 2005).

No Século XXI os alfa-hidroxiácidos tendem a ser substituídos por enzimas, mais eficazes. Outra tendência é o estudo de diversas matérias primas. As pesquisas avançam na direção da manipulação genética para melhorar a estética (COSMÉTICOS, 2001).

O incentivo à limpeza, por parte de educadores e de publicitários, criou um clima de obrigatoriedade de que toda casa, apartamento ou quarto de hotel deveria ter um banheiro – ou mais. A ideia de individualidade faz com que nem mesmo marido e mulher dividam o mesmo banheiro, quando há condições

financeiras. O santuário criado dentro de casa para a higiene pessoal cresce, os produtos oferecidos se multiplicam – entre cosméticos, toalhas, águas aromáticas, rituais de banho, maquiagem, enxaguantes bucais e outros. Cresce no mesmo ritmo o exagero com a limpeza, a busca obsessiva por unir higiene e beleza, há uma negação ao cheiro e aparência natural do corpo, e conseqüentemente maior utilização de artifícios como a cirurgia, cosméticos com o fim de branquear diversas partes do corpo e mascarar parte da naturalidade humana (ASHENBURG, 2007).

A “arte de parecer” tem assim atravessado todas as épocas sem obstrução. Mas hoje, diante do sucesso crescente dos cosméticos e da multiplicidade dos produtos oferecidos, todos os países ocidentais editaram leis para garantir a inocuidade desses produtos, deixando sobre responsabilidade dos pesquisadores a avaliação científica de sua eficácia (PEYREFITTE; MARTINI; CHIVOT, 1998).

3 METODOLOGIA

O estudo em questão é uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, organizado de forma cronológica tendo como ponto de partida a historiografia ocidental e europeia. Segundo Silva e Menezes (2001) a pesquisa qualitativa “[...] não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”.

Esta pesquisa caracteriza-se pela utilização de pesquisa bibliográfica em livros, sites, e periódicos com conteúdo sobre cosméticos, higiene e embelezamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão destacou as principais mudanças da relação do homem com a higiene corporal, pureza espiritual e utilização de cosméticos e objetos com função de limpar e embelezar o corpo. Como linhas de destaque, temos três: a espiritual, a científica e o bem estar, onde na primeira o corpo é um artefato da essência divina que buscamos em diferentes crenças – as variações das mesmas nos afastam ou aproximam do que chamamos de vaidade e de como isso é permitido ou pecaminoso. Em contraponto temos o

ponto de vista científico que guia alguns hábitos cotidianos do ser humano, como a noção de higiene como motivo de saúde. É mutável, conforme o desenvolvimento de tecnologias que botam em voga; confirmam ou derrubam crenças populares. As duas linhas citadas ficam claras em duas épocas distintas da história: parte da Idade Média abomina os banhos e a beleza por nos distanciar de Deus; parte da Idade Moderna condena os banhos por serem maléficos a saúde. Como última linha de destaque, temos a noção de bem estar, ela une – e repele – alguns pontos entre o espírito e a saúde física. Na Antiguidade, os banhos greco-romanos eram verdadeiros santuários para alguns deuses, e verdadeiros locais de relaxamento para os homens; na Era Contemporânea o pensamento científico põe o espírito em plano distinto e incentiva banhos diários para promoção de saúde. Conclui-se então que a forma como lidamos com nossa saúde e asseio evidencia que nossa preocupação é constante, mesmo que em diferentes linhas de pensamento e pontos de vista. Somos contemporâneos de uma época onde a beleza e a higiene se tornou ciência, bem estar, espiritualidade e tecnológica. Seremos, em outras épocas, uma sociedade com exageros de limpeza, talvez libertinagem, ou mesmo suja; isso só dependerá de como nos desenvolveremos em todos os âmbitos de nossa complexa sociedade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **A história da vida privada**: da Europa feudal à renascença. São Paulo: Ed. Schwarcz LTDA, 1994. V. 2

ASHENBURG, Katherine. **Passando a limpo**: O banho: de Roma antiga até hoje. São Paulo. SP: Larousse. 2007.

COSMÉTICOS: os marcos da história dos cosméticos. **Revista Época**, ed. 157, maio 2001. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/20010521/boxsoci4_1a.htm>. Acesso em: 15 abr. 2011.

EVELINE. Claudia. **Cosmetologia**: uma antiga ciência, cada vez mais atual. Revista Bel Col, Ed. 020, março 2004.

FAÇANHA, Rosângela. **Estética contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2003.

FRANQUILINO, Érica. **Desde os primórdios**: Maquiagem facial através dos tempos. Revista Temática. Tecnopress. N. 10, ano 4, jun. 2009.

FRANQUILINO, Érica. **Maquiagem**. Revista Temática. Tecnopress. N. 16, ano 6, março 2011.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise ManziFrayze. **História geral e Brasil**. São Paulo: Atual, 2004.

PEDRO, Antonio; CÁCERES, Flórida. **Historia geral**. Ed. Moderna Ltda. São Paulo, 1984.

PEYREFITTE,G.;MARTINI.M.C.;CHIVOT.M.; **Estética cosmética**: cosmetologia, biologia geral, biologia da pele. São Paulo: Ed. Andrei.1998.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed.Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da Ufsc, 2001.

SOUZA, Valéria Maria de. **Ativos dermatológicos**: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos. São Paulo, SP: Tecnopress, 2004. v.1.

SOUZA, Valéria Maria de. **Ativos dermatológicos**: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos. São Paulo: Pharmabooks, 2005. v. 2.

WIKIPÉDIA. **Turkishbath**. 2011. Disponível em <
http://en.wikipedia.org/wiki/Turkish_bath>. Acesso em 01 Jul. 2011